

# CECÍLIA MEIRELES E CLARICE LISPECTOR: IMPRESSÕES DE VIAGEM DE DUAS “ANTITURISTAS”

*Fátima Cristina Dias Rocha* (UERJ)  
[fanalu@terra.com.br](mailto:fanalu@terra.com.br)

## RESUMO

Este trabalho percorre a literatura de viagem elaborada por duas eminentes escritoras brasileiras: Cecília Meireles, poeta, e Clarice Lispector, ficcionista. Tendo visitado e, no caso de Clarice Lispector, tendo vivido em diferentes lugares, dentro e fora do país, ambas exercitam, em crônicas e na correspondência, respectivamente, o pendor descritivo e pictórico e a captação poética da realidade, assim como fazem, sob um viés ao mesmo tempo arguto e sensível, a crítica de comportamento dos lugares que conhecem e que perscrutam. Entretanto, para Clarice, a viagem sempre esteve associada à experiência do exílio, aspecto que deixa marcas e cicatrizes em seus comentários e registros. Afinal, como afirma Claude Lévi-Strauss, “a cor e o sabor dos lugares não podem ser dissociados do nível sempre imprevisível onde a viagem nos instala para apreciá-los”. “Antiturista”, como também o foi Cecília Meireles, Clarice Lispector compartilha com essa escritora a convicção de que “viajar é uma outra forma de meditar”.

### Palavras-chave:

Antiturismo. Crônica de viagem. Literatura de viagem.

## RESUMEN

Esta obra cubre la literatura de viajes escrita por dos eminentes escritoras brasileñas: Cecília Meireles, poeta, y Clarice Lispector, escritora de ficción. Habiendo visitado y, en el caso de Clarice Lispector, haber vivido en diferentes lugares, dentro y fuera del país, ambos ejercen, en crónicas y correspondencia, respectivamente, la inclinación descriptiva y pictórica y la captación poética de la realidad, como lo hacen, bajo un sesgo a la vez agudo y sensible, la crítica al comportamiento de los lugares que conocen y escudriñan. Sin embargo, para Clarice, el viaje siempre ha estado asociado a la experiencia del exilio, aspecto que deja marcas y cicatrices en sus comentarios y registros. Al fin y al cabo, como afirma Claude Lévi-Strauss, “el color y el sabor de los lugares no se pueden disociar del nivel siempre impredecible en el que viajar nos instala para apreciarlos”. “Antiturista”, como lo fue Cecília Meireles, Clarice Lispector comparte con esta escritora la convicción de que “viajar es otra forma de meditar”.

### Palabras clave:

Antiturismo. Crónica de viajes. Literatura de viajes.

## 1. Introdução

Clarice Lispector (1920–1977) figura no panorama da literatura brasileira como inigualável ficcionista. Cecília Meireles (1901–1964)

ocupa, nesse panorama, o lugar de “poeta maior”. Paralelamente à produção literária que as notabiliza, ambas elaboraram uma instigante literatura de viagens – gênero propiciado, no caso de Clarice Lispector, pela experiência de viver fora do Brasil durante muito tempo; e, no caso de Cecília Meireles, por ter viajado longamente pelos países de sua predileção.

Acompanhando o marido, que seguiu a carreira diplomática, Clarice Lispector ausentou-se do país durante quinze anos, de 1944 a 1959. Durante esse tempo, a escritora residiu em Nápoles, Berna, Torquay e Washington, permanecendo em tais locais por períodos que variaram de seis meses (como na Inglaterra) a sete anos (nos Estados Unidos). Além das cidades com que se envolveu mais intimamente – seu primeiro filho, Pedro, nasceu em Berna, enquanto o segundo, Paulo, veio à luz em Washington –, Clarice conheceu muitas outras, dentre as quais Lisboa, Paris, Florença, Córdoba, Cairo, Casablanca, sem contar com as vilas africanas por que passou e com as aldeias italianas que visitou. As impressões e reflexões claricianas sobre tão diversas paisagens e culturas estão registradas, em sua maior parte, nas numerosas cartas trocadas pela escritora com as irmãs e os amigos – notadamente Lúcio Cardoso e Fernando Sabino –, sendo possível dizer que a literatura de viagens de Clarice Lispector se faz em simbiose com o gênero epistolar. Algumas vezes, as notações e comentários da missivista migram da carta para a crônica; outras vezes, mais raras, a escritora reserva apenas para as crônicas as suas impressões de viajante.

Cecília Meireles, entre as décadas de 1930 e 1960, também visitou diversos países, muitas vezes em missão cultural, realizando conferências nas universidades locais. Em 1934, viajou a Portugal; em 1940, aos Estados Unidos e ao México; em 1944, foi ao Uruguai e à Argentina; à Índia, Goa e vários países da Europa, em 1951, 1952 e 1953; novamente à Europa e aos Açores, em 1954; Porto Rico, em 1957; Israel, Grécia e Itália, em 1958; esteve novamente nos Estados Unidos, via Peru, em 1959, e no México, em 1962. Também viajou pelo Brasil, particularmente Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. As impressões de Cecília Meireles sobre tão variados lugares e povos dão vida às numerosas crônicas de viagem que escreveu, hoje reunidas em três volumes.

Este trabalho investiga a literatura de viagem elaborada pelas duas autoras, assinalando suas singularidades, assim como suas convergências e divergências, no tocante a questões como: quais são as inquietações e perplexidades das duas viajantes? Que cenas as atraem? Com que estado

de espírito as registram? Que paisagens acabam por desenhar e ficcionalizar?

## 2. *A paisagista Clarice Lispector, nas cartas e nas crônicas*

Começemos com Clarice Lispector, assinalando que, sobre todos os lugares em que se instalou ou em que esteve a passeio, a autora compôs registros e comentários sensíveis e argutos, que tanto desenharam a geografia e a atmosfera do local, quanto figuraram a paisagem interior da “turista aprendiz” (como se autodenominou Mário de Andrade) ou “antitrista” (como Fernando Sabino define a missivista Clarice).

Essa paisagem interior já pode ser entrevista na correspondência endereçada às irmãs, de Belém, para onde se transferira Clarice, logo após a publicação de seu primeiro romance, “Perto do coração selvagem”, em 1943. Na referida carta, a jovem escritora inaugura uma pergunta e uma disposição de espírito que a acompanharão ao longo de seu “exílio” na Europa e nos Estados Unidos: “**Que contar a vocês, quando o que eu desejo é ouvir? A vida é igual em toda parte e o que é necessário é a gente ser a gente**” (LISPECTOR *apud* GOTLIB, 1995, p. 175 – Grifos nossos).

Outras cartas escritas em Belém deixam evidentes dois traços que caracterizarão fortemente a singular literatura de viagens de Clarice Lispector: a dolorosa experiência de vida longe dos familiares e amigos e as dificuldades e dilaceramentos da escrita. Esses traços, referidos obsessivamente pela missivista, serão responsáveis, em grande medida, por sua frequente falta de entusiasmo pelos consensualmente belos e atraentes lugares que conhece e por sua pouca permeabilidade à vida nesses lugares.

Lembramo-nos aqui de uma afirmação de Claude Lévi-Strauss, em “Tristestrópicos”: “A cor e o sabor dos lugares não podem ser dissociados do nível sempre imprevisível onde ela [a viagem] nos instala para apreciá-los” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 83). No caso de Clarice Lispector, a pretensa evasão da viagem é substituída pela sofrida sensação de exílio: a escritora deixa o país, a família, os amigos e o livro que acabara de publicar. Em contrapartida, leva na bagagem a necessidade imperiosa de escrever e de dar continuidade à recém-inaugurada trajetória de romancista. Por tais motivos, o sentimento de perda e a preocupação com a

escrita se intensificam quando Clarice Lispector e o marido se transferem para Nápoles, onde residirão de agosto de 1944 a abril de 1946.

De Argel, uma das escalas na viagem para Nápoles, Clarice escreve para as irmãs, abrindo a carta com uma confissão semelhante à que já lhes fizera de Belém:

Na verdade eu não sei escrever cartas sobre viagens; **na verdade nem sei mesmo viajar**. É engraçado como, ficando pouco em lugares, eu mal vejo. Acho a natureza toda mais ou menos parecida, as coisas quase iguais. Eu conhecia melhor uma árabe com véu no rosto quando estava no Rio. (LISPECTOR, 2020, p. 92) (Grifos nossos)

Além de achar “a natureza toda mais ou menos parecida”, a “aprendiz de viajante” também reconhece numa cidade como Casablanca as marcas de outras cidades, como hábitos e costumes que, nascidos em outros lugares, já haviam ganhado o mundo:

Casablanca é bonitinho, mas bem diferente do filme *Casablanca*...As mulheres mais do povo não carregam véu. É engraçado vê-las com manto, véu, e vestido às vezes curto, aparecendo sapatos (e soquete) tipo Carmem Miranda. (LISPECTOR, 2020, p. 92)

A descrição mais detalhada dessa primeira viagem ao exterior encontra-se numa carta para Lúcio Cardoso, escrita logo depois da chegada a Nápoles. Sobre essa “carta da travessia”, Nádia Battella Gotlib afirma que a chamada literatura de viagens é, neste caso, “resultado de uma bem dosada combinação de crônica e registros quase diários, e todos, acentuadamente, de feição autobiográfica” (GOTLIB, 1995, p. 189). Com efeito, na parte referente à chegada à costa africana, o ritmo é o do diário de bordo ou da carta de navegação, não faltando certo tom arcaizante: “No dia seguinte embarcamos de novo e tocamos em Bolama, possessão portuguesa, onde almoçamos. Seguimos até Dacar, aí ficamos duas horas” (LISPECTOR, 2020, p. 103). Segue-se a crônica da vida mundana lisboeta, que ganha comentários por vezes cruéis, a que a viajante acrescenta a figuração de sua própria inquietação, e, por fim, algumas tomadas plásticas das belezas de Lisboa:

Todo o mundo é inteligente, é bonito, é educado, dá esmolas e lê livros; mas por que não vão para um inferno qualquer? (...) Lisboa deve ser horrível para se viver e trabalhar. Como disse Maria Archer, o mal dos portugueses é a dignidade. Eu, pelo menos, não sei se pela situação especial de espera e ansiedade, experimentei um desassossego como há muito não sentia. Mas de algum modo a gente se sente mesmo como se estivesse em casa – talvez por isso, quem sabe? Mas vi coisas lindas. O bairro de Alfama, por onde nasceu a cidade, é verdadeira Idade Média. Seus persona-

gens, Lúcio, dariam urros de alegria vendo aquilo de noite, com pescadores, com cheiro de peixe, mofo e frio. (LISPECTOR, 2020, p. 103)

Embora atenta, em sua missiva, à atmosfera intelectual e existencial de Lisboa, além de seus encantos físicos e históricos, a “cronista de viagem” volta a afirmar:

**As coisas são iguais em toda a parte – eis o suspiro de uma mulherzinha viajada.** Os cinemas do mundo inteiro se chamam Odeon, Capitólio, Império, Rex, Olímpia; as mulheres usam sapato Carmen Miranda, mesmo quando usam véu no rosto. A verdade continua igual: o principal é a gente mesmo e só a gente não usa Sapatos Carmen Miranda. (LISPECTOR, 2020, p. 104) (Grifos nossos)

Para Nádía Gotlib, Clarice Lispector encontra-se num território movediço, no qual critérios de valoração e de classificação se embaralham e geram dúvidas: o que é novo e o que é comum? Nada é formidável? Ou tudo é formidável? Nesta clave, ainda na “carta da travessia”, Clarice desfaz o gênero a que parece aludir, quando escreve:

Na manhã seguinte chegamos a Fisherman's Lake, na Libéria, onde passamos um dia e uma noite. Eu precisava me repetir: isso é África – para sentir alguma coisa. **Nunca vi ninguém menos turista.** (Vi muitas coisas mas não só tenho preguiça de contar, como de lembrar) (LISPECTOR, 2020, p. 102-3) (Grifos nossos)

Em alguns momentos, a “viajante-não viajante” faz um esforço no sentido de se deslocar da apatia e do olhar generalizador, a fim de colocar-se em disponibilidade para a nova matéria do ver e do narrar. Esta se oferece mais facilmente em Nápoles, cidade cuja descrição ganha ares líricos, com pintura de formas e cores dos lugares, coisas e pessoas:

Isso aqui é lindo. É uma cidade suja e desordenada, como se o principal fosse o mar, as pessoas, as coisas. As pessoas parecem morar provisoriamente. E tudo aqui tem uma cor esmaecida, mas não como se tivesse um véu por cima: são as verdadeiras cores. Um edifício novo aqui tem um ar brutal. (LISPECTOR, 2020, p. 104)

Exercitando sua veia descritiva e pictórica, a escritora esboça um conceito de beleza muito próprio – que inclui o sujo e o desordenado –, e que a sua literatura de viagens irá decantar: ainda na Itália, a beleza excessiva de Posilipo assusta um pouco Clarice. É o que se observa no trecho abaixo – de uma carta a Lúcio Cardoso –, no qual a autora, à maneira do que faz em sua ficção, cria expressões antitéticas para representar as sensações intensas que experimenta:

E certamente já lhe falei em Posilipo, que é um lugar. Em grego quer dizer pausa da dor. A dor realmente fica um instante suspensa, tão doces

são as cores, tão sem selvageria, tão belo, tão belo é o lugar com mar, árvores, montanha. **A minha impressão é quase ruim: há coisas bonitas em excesso**, eu parece que não tenho tempo ou força, o fato é que ficaria mais calma com uma. (LISPECTOR, 2020, p. 157) (Grifos nossos)

Em Berna – cidade na qual permanece por três anos –, a beleza asséptica da cidade é também rejeitada pela “antiturista”, que registra suas primeiras impressões na carta que, em abril de 1946, escreve para Fernando Sabino, sua esposa Helena, Paulo Mendes Campos e Oto Lara Resende:

Berna é linda e calma, vida cara e gente feia; com a falta de carne, com o peixe, queijo, leite, gente neutra, termino mesmo dando um grito e comendo o primeiro boi de alma doente que eu encontrar; **falta demônio na cidade...** Tudo isso é tolice (LISPECTOR, 2020, p. 209) (Grifos nossos).

Ainda nessa carta, tal como fizera ao chegar a Nápoles, Clarice elabora a sua crônica da viagem, na qual se percebe o esforço por escapar dos olhares, sensações e saberes catalogados nos guias turísticos:

E então fui simplesmente para o Cairo, onde passei uns dois dias. Vi as pirâmides, a esfinge [...]. Falar em esfinge, em pirâmides, em piastras, tudo isso é de um mau gosto horrível. É quase uma falta de pudor viver no Cairo. O problema é sentir alguma coisa que não esteja prevista num guia. Cairo tem um ar internacional, explorado e sabidinho. Fui a um cabaré egípcio [...] e vi ladansedu ventre [...] dançada ao som de Mamãe eu quero. Eu quase tenho vergonha de dizer que as pirâmides são assustadoras, principalmente de noite, sem lugar, e que a esfinge me impressionou. Mando a fotografia – fotografia é muito mais nítida e mais bela que o original; com a fotografia tem-se imediatamente uma sensação que diante da esfinge é mais lenta e mais difícil. (CLARICE, 2020, p. 2010)

Ao invés do deslumbramento, predominam as impressões de mau gosto e de vergonha, que farão Fernando Sabino, na resposta à carta da amiga, atribuir-lhe um “**temperamento antiturista por excelência**, conversando pirâmides, Egito e faraós que ninguém conversa, com ar de intimidade repousada e satisfeita, (...), com ceticismo apenas tolerante ante o pobre misteriozinho da Esfinge (...)” (SABINO, 2001, p. 13-4 – Grifos nossos).

Assim, na carta em conjunto, além de transmitir aos amigos as primeiras impressões sobre Berna, Clarice faz também a crônica de viagem da “viajante envergonhada”. Quanto às primeiras impressões sobre a cidade – sua beleza insossa, o silêncio aterrador, o tédio esterilizante e o caráter laborioso e neutro de seus habitantes –, elas vão se manter e até mesmo se intensificar durante a permanência em Berna, levando a escri-

tora a dizer, em carta às irmãs: “Esta Suíça é um cemitério de sensações...” (LISPECTOR *apud* BORELLI, 1981, p. 117). Numa carta escrita a Lúcio Cardoso, a autora alude novamente à sua vergonha – que agora se confunde com a culpa por sentir-se desconfortável numa cidade bela e próspera como Berna:

É ruim estar fora da terra onde a gente se criou [...]. Para mim, se foi bom, como um remédio é bom pra saúde, ver outros lugares e outras pessoas, já há muito está passando do bom, está no ruim [...]. Embora agora mesmo esteja envergonhada de ser assim, porque enquanto escrevo a catedral está batendo os sinos; fico envergonhada de não viver bem em qualquer lugar onde uma catedral bata sinos, onde haja um rio, onde as pessoas trabalhem e façam compras; mas é assim mesmo. (LISPECTOR, 2020, p. 340)

Além de se estender por numerosas páginas da correspondência de Clarice Lispector, Berna forneceu o tema para várias de suas crônicas – muitas delas compostas a partir da reelaboração dos registros feitos nas cartas. Na crônica “Berna”, por exemplo, fica evidente a inquietação suscitada por uma “beleza perfeita”, produto de imobilidade e equilíbrio, sob o signo da ordem: “(...) a cena suíça tem um excesso de evidência de beleza. Após a primeira sensação de facilidade, segue-se a ideia do invassável. Cartão-postal, sim. Mas aos poucos a imobilidade e o equilíbrio começam a inquietar” (LISPECTOR, 1999, p. 103).

Clarice retorna ao Brasil em 1949, e, no final de 1950, a família vai para Torquay, na Inglaterra, onde passa seis meses. Como fizera anteriormente, logo após chegar, Clarice envia às irmãs notícias sobre a cidade, descrevendo o lugar, as pessoas e os costumes: “Aqui tipicamente cidade pequena, tem cheiro de Berna. Sem ser por pouco tempo, seria chatíssimo. Todo o mundo é mais ou menos feio, com chapéus horríveis (...)” (LISPECTOR, 2020, p. 432). Mais uma vez, a literatura de viagens claricianaacaba revertendo em notas sobre o valor estético, reiterando o conceito de beleza da falta de beleza, que contrasta com o belo asséptico e sem graça da paisagem suíça: “(...) apesar de Torquay ser tão chatinho, gosto da Inglaterra. A falta de sol, certas praias com rochas escuras, a falta de beleza – tudo isso me emociona muito mais do que a beleza da Suíça. Por falar nesta, cada vez mais a detesto” (LISPECTOR, 2020, p. 433). Tal “preferência pelo feio intenso em contraposição ao belo inosso” (GOTLIB, 1995, p. 276) também se mostra nos comentários sobre Londres, reunidos na crônica “As pontes de Londres”, publicada no *Jornal do Brasil*, em 20 de novembro de 1971:

Todas as vezes que penso em Londres revejo as suas pontes. (...) Vi em Londres uma terra estranha e viva, cinzenta – tudo o que é cinzento miste-

riosamente vibra para mim, como se fosse a reunião de todas as cores amansadas.

Estive em contato com a feiura dos ingleses, que é uma das coisas que mais atrai na Inglaterra. É uma feiura tão peculiar, tão bela – e isso não são meras palavras. (LISPECTOR, 1984, p. 611)

Essas notas – em que a saudade leva a cronista a “recuperar Londres na memória”, “antes que o sentimento passe” (LISPECTOR, 1984, p. 613) – refazem as impressões não mais da “turista aprendiz”, mas da “viajante” atenta à estranha e peculiar beleza de Londres e à sua história cultural – inscrita no cotidiano da cidade, em seus aspectos familiares e públicos, econômicos e sociais. A “viajante”, que conheceu Londres em 1950, já havia registrado em carta, com sutileza e argúcia, as singularidades do lugar: “Gostamos muito de Londres. Não era como eu pensava. É menos ‘evidente’. (...) Não é como Paris que é imediatamente e claramente Paris. É preciso ir pouco a pouco entendendo, pouco a pouco reconhecendo. E depois a pessoa começa a gostar” (LISPECTOR *apud* GOTLIB, 1995, p. 277).

Com essas palavras, Clarice Lispector aproxima-se do que escreve Cecília Meireles acerca da “arte de viajar”, na belíssima crônica “Uma hora em San Gimignano”, escrita em 1953:

**A arte de viajar é uma arte de admirar, uma arte de amar.** É ir em peregrinação, participando intensamente de coisas, de fatos, de vidas com as quais nos correspondemos desde sempre e para sempre. É estar constantemente emocionado – e nem sempre alegre, mas ao contrário, muitas vezes triste, de um sofrimento sem fim, porque a solidariedade humana custa, a cada um de nós, algum profundo despedaçamento. (MEIRELES, 1999, p. 61. Grifos nossos)

### 3. *A viajante Cecília Meireles, em crônicas feitas de afeto e de refinada atenção*

Cecília Meireles exerceu com extrema sensibilidade a “arte de viajar”, deixando-nos páginas enriquecedoras e comoventes sobre os muitos lugares que conheceu, sempre como “viajante”, e nunca como “turista” – distinção que constitui um tema freqüente de suas crônicas de viagem. Na crônica “Oriente-Occidente” (1953), por exemplo, Cecília Meireles afirma:

Ainda ontem estávamos na Índia: e tudo, de repente, nos parece tão longe como se nos separassem muito maiores extensões de terra e mar, – e, sobretudo, muito mais profundo tempo.

Não é a mesma coisa ir-se da Itália para a Índia, – ou vir-se da Índia para a Itália. Não é tão simples ir-se do Ocidente para o Oriente. Se o viajante não quiser ser um superficial turista, com algumas excursões pelos bazares, museus e monumentos de arte; se o viajante não pretender apenas comprar colares de esmeralda ou tapetes antigos, deve preparar sua alma para essa visita longínqua, sob pena de não entender nada, e assustar-se facilmente com os aspectos de pobreza e a diversidade de hábitos a que será exposta a sua sensibilidade. (MEIRELES, 1999, p. 39)

A mesma distinção é tema da crônica “Roma, turistas e viajantes”, também datada de 1953, na qual Cecília Meireles é ainda mais específica e categórica:

Grande é a diferença entre o turista e o viajante. O primeiro é uma criatura feliz, que parte por este mundo com a sua máquina fotográfica a tiracolo, o guia no bolso, um sucinto vocabulário entre os dentes: seu destino é caminhar pela superfície das coisas, como do mundo, com a curiosidade suficiente para passar de um ponto a outro, olhando o que lhe apontam, comprando o que lhe agrada, expedindo muitos postais, tudo com uma agradável fluidez, sem apego nem compromisso, uma vez que já sabe, por experiência, que há sempre uma paisagem por detrás da outra, e o dia seguinte lhe dará tantas surpresas quanto a véspera.

O viajante é criatura menos feliz, de movimentos mais vagarosos, todo enredado em afetos, querendo morar em cada coisa, descer à origem de tudo, amar loucamente cada aspecto do caminho, desde as pedras mais toscas às mais sublimadas almas do passado, do presente e até do futuro – um futuro que ele nem conhecerá. (MEIRELES, 1999, p. 101)

É compreensível, portanto, que Cecília Meireles declare, na crônica “Pequenas notas” (1953): **“Quanto mais viajo, mais me torno antiturística.** Como pode a bela Itália ter sossego com estas ondas e ondas de forasteiros que a atravessam de ponta a ponta, como formigueiros em mudança?” (MEIRELES, 1999, p. 95 – Grifos nossos).

Assim, por mais diferentes que sejam os significados da viagem para as duas escritoras em questão – para Clarice, a viagem é exílio, para Cecília, é entrega e aprendizagem –, ambas se autocaracterizam como “antitouristas”, recusando-se às “coisas práticas” e às “informações” veiculadas pelos guias e cicerones. Comenta a respeito Cecília Meireles, na crônica “Pergunta em Paris” (1952): “Dizer o quê – de Paris? Os turistas dirão muitas coisas: lugares, preços, estações de metrô. Os turistas sabem coisas práticas. Os outros sabem que onde as informações acabam é que a vida começa. E a vida é o que vale a pena” (MEIRELES, 1999, p. 285).

Para Cecília Meireles,

[...] viajar é ir mirando o caminho, vivendo-o em toda a sua extensão e, se possível, em toda a sua profundidade, também. É entregar-se à emoção

que cada pequena coisa contém ou suscita. É expor-se a todas as experiências e todos os riscos, não só de ordem física, – mas, sobretudo, de ordem espiritual. Viajar é uma outra forma de meditar. (MEIRELES, 1998, p. 269)

Com efeito, numa série de crônicas reunidas no primeiro volume de suas “Crônicas devíagem” (1998), Cecília Meireles faz uma espécie de diário de sua viagem ao Sul do Brasil, cujo destino é a Argentina. Entrega-se, então, à emoção que cada lugar “contém ou suscita”. A partir de São Paulo, o percurso é feito de trem, e a escritora registra a paisagem física e humana com traços impressionistas e até cubistas, como na passagem abaixo:

Amanhecemos no Paraná, sob um sol de suave glória. Taças de pinheiro oferecem altos vinhos azuis. Aparecem as primeiras e encantadoras casas de madeira. Um mundo de brinquedos brancos, vermelhos, verdes, dispostos na veludosa caixa matinal do terno campo. Aparecem crianças louras, descalças, mirando a passagem do trem. São bonecas silenciosas e admiradas, de mão e pés de coral, [...] (MEIRELES, 1998, p. 85)

Em Santana do Livramento, a simplicidade e a singeleza do local enternecem Cecília, fazendo-a viver a própria afirmação de que “Cada viajante encontra motivos especiais de enternecimento” (MEIRELES, 1999, p. 79) nos lugares que visita:

O hotelzinho faz o possível por ser engraçado, confortável, bonito.

Não direi que os seus banhos sejam esplêndidos. Mas direi que as suas janelas têm vistas deliciosas: a cidade de Rivera, de um lado, a cidade de Santana, do outro. Mais perto, logo ali sob as nossas vistas, um terreno abandonado, com um pouco de alvenaria e uma alta laranjeira amarelinha de laranjas. **Essas coisas consolam muito.** (MEIRELES, 1998, p. 98) (Grifos nossos)

Durante a viagem, vários tipos humanos chamam a atenção da cronista, como o engraxate Policarpo Melo, de dez anos, que lhe confessa, antes do trem partir de Santana, que “aquele tinha sido um dia excepcional. Doze fregueses... A cinco centésimos...” (MEIRELES, 1998, p. 99); e a vendedora de ponchos em Buenos Aires, a quem a viajante dedica uma crônica (MEIRELES, 1998, p. 169-71).

A cidade de Montevidéu é flagrada em seus encantos físicos e culturais:

Aqui no Uruguai a pintura parece interessar vivamente a um grande público. Há exposições constantes e não apenas em “Amigos del Arte”. Todos entram, observam, opinam. A arte não é um luxo: é uma forma de comunicação. Parece que todos sabem disso. Que todos querem saber dis-

so. É uma felicidade caminhar-se por um lugar assim. (MEIRELES, 1998, p. 115)

Do mesmo modo, Buenos Aires é descrita sob vários ângulos, todos revelando a viajante atenta à paisagem e à atmosfera da cidade:

Da janela do hotel, vê-se a cidade amanhecer [...] desfeitas as últimas neblinas por um sol frio mas muito brilhante. Torres de palácios, campanários de igrejas, remates de arranha-céus triunfam na manhã que vai arrancando o azul dos ares e o verde das árvores àquela úmida cinza dissipada. [...]

E quando se sai, encontra-se uma ampla cidade, de largas avenidas, de altas edificações, varrida por um vento frio, banhado por um sol muito dourado, muito fino, [...].

Compreende-se que, neste ambiente de prosperidade, à sombra destas construções, que por vezes lembram Nova York, o homem tenha adquirido uma confiança em si mesmo, que, combinada a outros caracteres, se manifesta de um modo imperativo no seu andar, no seu falar, na sua alegria, no seu desdém, no simples gesto de riscar um fósforo para acender o mais banal cigarro. (MEIRELES, 1998, p. 155-156)

Nessa viagem realizada em 1944 – durante a Segunda Guerra, cujos ecos chegam aos lugares percorridos –, Cecília Meireles já exercita plenamente a arte de viajar sobre a qual discorrerá na crônica “Roma, turistas e viajantes”:

O viajante olha para as ruínas da Roma antiga, e já não pode dar um passo: elas o convidam a ficar, a escutá-las, a entendê-las, [...].

Não tem sossego, de modo algum, o viajante: fora desse mundo imortal, outras mil coisas o comovem, humanas e ainda recentes: ali esteve Mozart, ali Wagner, ali Keats... No cemitério, Shelley... [E pensa em Goethe, em Sir Walter Scott, em Stendhal...] (MEIRELES, 1999, p. 103-4).

De fato, na crônica “Terceiro instantâneo de Buenos Aires” (1944), caminhando pelas calçadas da cidade – “sozinha, ao acaso, entregue à sorte, conduzida pelo faro, pelo instinto, pela sensibilidade, pela fatalidade” –, Cecília Meireles reúne-se aos intelectuais que gravitam em torno da Revista Sur: a poetisa Silvina Ocampo, os romancistas Adolfo Bioy Casares, Jorge Luís Borges e Victoria Ocampo. Cecília recorda esta escritora “no parque da sua bela casa de San Isidro”, assim como vê Rafael Alberti “de asas abertas” na terra em que está exilado (MEIRELES, 1998, p. 199). Todos a convidam a escutá-los, a entendê-los, e, certamente, estarão na memória da viajante quando esta, já em sua casa, transformar-se na “viajante imóvel”: “uma pessoa sem data e sem nome, na qual repercutem todos os nomes e datas que clamam por amor, compreensão, ressurreição” (MEIRELES, 1999, p. 104).

Repercutem também, na “viajante móvel” Cecília Meireles, personagens e versos que compõem a paisagem cultural do lugar visitado e que o olhar sensível da poetisa ali reconhece e traduz, como na crônica “Histórias de nuvens” (1952):

Olho para baixo [do avião] e é Portugal, ainda. Portugal completamente lírico, onde se pode reconhecer o lugar das mouras encantadas, o canto do “figueiral figueiredo” e o das “flores do verde pino”. A mais terna paisagem da Europa. A mais comovente, talvez, mesmo vista de longe, mesmo sem a presença humana que é, em geral, o que comunica às paisagens ternura e emoção. (MEIRELES, 1998, p. 273-4)

Este é, sem dúvida, um traço singular, enriquecedor e saboroso das crônicas de viagem de Cecília Meireles: a “repercussão”, na viajante, de cenas, datas, nomes e versos evocados por uma paisagem. Esta ganha dimensões inesperadas, que ampliam seus limites e a inscrevem no âmbito da ficção. É o que se observa, por exemplo, na crônica “Entre o relógio e o mapa” (1953) – uma das muitas escritas na Espanha:

Entre Burgos e Salamanca, Valladolid é um lugar de sonho: uma sala com muitas crianças; quadro-negro, mesa, armário, globo... A sombra de uma professora que vai recitando a vida de Cristóvão Colombo. “Nasceu em Gênova, Itália, e morreu em Valladolid...” (E as meninas imaginando os Reis Católicos, e o porto de Palos, e as caravelas como grandes pássaros de asas abertas, procurando uma árvore de terra onde pousar...) (MEIRELES, 1999, p. 11).

E também na crônica “Da ruiva Siena” (1953), que assim se inicia:

*‘La piazzadi Siena èlapiùbellache si vedda in nissunaaltracittà’* – foi o que escreveu Montaigne quando, no século XVI, por lá passou (MEIRELES, 1999, p. 55).

O procedimento também se repete em “Ver Nápoles e...” (1953):

Nápoles é esta despreocupada alegria matinal, estas vozes que, de vez em quando, cantam qualquer coisa, é esta mistura de Oriente e Ocidente, são estes tempos históricos superpostos. Se a Via Partênopo é a mitologia, com os naufragos de Homero subitamente visíveis – e seus barcos, e seus mastros, e os ouvidos tapados à tentação das vozes marinhas – a Via Toledo já é a Espanha, é o duque d’Alba, é, século sobre século, até um nome da Inconfidência Mineira. (**O sanguedos homens desenha mapas singulares**; e, nas terras mais inesperadas, acordam mortos antigos cuja história se ramifica até muito longe, e vai desabrochar em fatos estranhos, incoerente, tão variada e mutável e engenhosa é a nossa condição humana!) (MEIRELES, 1999, 63)(Grifos nossos)

As crônicas de viagem de Cecília Meireles desenham, com efeito, mapas singulares, que reúnem, como em “Quando a vaga beija o vento...” (1953) – sobre a cidade de Sorrento –, Goethe, Tasso e Castro Alves, sem que tais mapas deixem de registrar com expressividade as cores e as belezas do lugar:

Tudo quanto os turistas fizerem, será perdoado. Podem até gritar, que os acharemos melodiosos, na delícia do lugar suspenso entre azuis de água e céu. Deixaremos Castro Alves falar:

Tua voz é a cavatina  
Dos palácios de Sorrento,  
Quando a praia beija a vaga,  
Quando a vaga beija o vento...

Esqueceremos tudo, isto é, todas as coisas cairão sozinhas em esquecimento, apenas porque a beleza do caminho não permite nenhuma lembrança de lugares, pessoas ou fatos. E com certeza ninguém ouve o que o guia procura explicar, nem certamente ele está explicando nada certo: apenas murmura vagas palavras que lhe sugerem as pedras; aquela espuma que, ao longe, vem correndo, toda branca por cima de tanto azul; o ouro do sol que enche a verdura de borboletas amarelas; e este ar de cristal, e aquele rosto que assoma, e a trepadeira que desce em cascata por uma parede... (MEIRELES, 1999, p. 71-2)

Muitas outras viagens fez Cecília Meireles: à Holanda, a Israel, à Índia – país de sua predileção –, ao Paquistão. Sempre com o olhar amoroso e moroso da viajante que

[...] entra em livrarias, em bibliotecas, compra alfarrábios, deslumbra-se a mirar aqueles foscos papéis e leva, para tomar um apontamento, mais tempo que o turista em percorrer uma cidade inteira. [...]

Posta-se diante de um monumento, e começa outra vez a descobrir coisas: é um pedaço de coluna, é uma porta que esteve noutro lugar, é uma estátua cuja família anda dispersa pelo mundo, é o desenho de uma janela, é a cabeça de um anjo que lhe conta sua existência, são as figuras que saem dos quadros e vêm conversar sobre as relações entre a vida e a pintura, é uma pedra que o arrebatava para o seu abismo interior e o cativa entre suas coloridas paredes transparentes. (MEIRELES, 1999, p. 101-2)

#### **4. Breve conclusão**

Interrompendo aqui nossa viagem na companhia de Cecília Meireles, podemos afirmar que, se Clarice Lispector, ao conhecer os lugares que visitou ou nos quais residiu, não compartilhou com Cecília Meireles o olhar amoroso e moroso desta última, com ela se identificou na recusa ao comportamento do turista (cujo destino é “caminhar pela superfície

das coisas”); e na convicção de que “viajar é uma outra forma de meditar”. Acrescentaríamos, referindo-nos a Cecília Meireles: viajar é fazer ressoarem nos lugares as vozes dos que ali habitaram ou dos que, por meio da escrita, eternizaram aqueles lugares. Viajar é, então, caminhar ouvindo essas vozes – guias sensíveis, atentos aos contornos físicos e à história dos lugares.

E Clarice Lispector? Ousamos dizer que, em Nápoles, Berna, Torquay e Whashington – cidades que não apenas visitou, mas nas quais viveu por períodos diversos –, a ficcionista buscava, preferencialmente, as vozes que havia deixado no Brasil, e que ela procurava ouvir nas numerosas cartas que trocava com as irmãs e com os amigos, cartas que acabaram por compor uma “literatura de viagem” singular e sensível.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice*. Uma vida que se conta. São Paulo: Ática, 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. *Todas as cartas*. Prefácio e notas bibliográficas de Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de viagem 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

\_\_\_\_\_. *Crônicas de viagem 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. Fernando Sabino e Clarice Lispector. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.